

# EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS À FORMAÇÃO DOCENTE

## EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: CHALLENGES TO TEACHER TRAINING

Denise Rosana da Silva Moraes <sup>1</sup>  
Luciane Cristina Silva <sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta o contexto da educação paranaense após o início da pandemia do novo coronavírus, a implantação de um modelo de ensino a distância ou ensino remoto que não atende integralmente os alunos e alunas da rede pública, o que evidencia a fragilidade tanto das políticas públicas para educação, bem como da formação continuada de professores e professoras da educação básica no que tange ao uso das tecnologias e artefatos midiáticos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que entremeia relato de experiência docente com estudos de caso de escolas do Paraná, e apresenta reflexões sobre o formato de ensino implantado, e os desafios impostos aos professores em déficit de formação específica e aos alunos que carecem de condições para interagirem e aprenderem na atual organização do ensino. Finalizamos com proposições de uso das mídias e de dispositivos online, como forma de garantir o acesso e segurança desse público escolar.

**Palavras-chave:** Pandemia. Educação. Formação Docente. Mídias.

**Abstract:** The article presents the context of education in Paraná after the start of the new corona virus pandemic, the implementation of a distance learning or remote teaching model that does not fully serve public school students, which demonstrates the fragility of both public policies for education, as well as the continuing education of teachers of basic education with regard to the use of technologies and media artifacts. It is a qualitative research that interweaves teaching experience with case studies from schools in Paraná, and presents reflections on the teaching format implemented, and the challenges imposed on teachers with specific training deficits and students who lack the conditions to interact and learn in the current teaching organization. We ended with propositions to use the media and online devices, as a way to guarantee access and security for this school audience.

**Keywords:** Pandemic. Education. Teacher Education. Media.

Denise Rosana da Silva Moraes. Doutora em Educação pela <sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora Adjunta da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), câmpus de Foz do Iguaçu-PR, Brasil.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6545283027670184>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2991-0214>.  
E-mail: [denise.moraes@unioeste.br](mailto:denise.moraes@unioeste.br)

Luciane Cristina Silva. Doutoranda e Mestre em Sociedade, Cultura e <sup>2</sup> Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), câmpus de Foz do Iguaçu - PR, Brasil. Professora e Pedagoga da Rede Estadual de Educação do Paraná.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6168231813706604>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0702-2256>.  
E-mail: [luciane\\_crisil@hotmail.com](mailto:luciane_crisil@hotmail.com)

## Introdução

O ano de 2020 tem seu início marcado pela pandemia Covid-19 identificado na China em dezembro de 2019, o coronavírus, como foi denominado, é altamente contagioso e rapidamente se espalhou pelo mundo chegando ao Brasil e provocando inúmeras consequências e impactos na economia, saúde e diversos outros setores da sociedade. Na educação, também impactou fortemente, pois uma das medidas sanitárias adotadas foi a quarentena e o distanciamento social, pela urgente necessidade de evitar aglomerações, a fim de que o vírus não se propagasse, com isso as escolas foram fechadas e as aulas suspensas, já no mês de março.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no mês de maio de 2020 mais de 1.200 milhões de estudantes de todos os níveis de escolaridade, em todo o mundo, deixaram de ter aulas presenciais nas escolas. Na América Latina e Caribe são mais de 160 milhões de estudantes nesta situação. As atividades presenciais foram encerradas em mais de 190 países com o objetivo, como já apresentado, de evitar a contaminação e mitigar o impacto do vírus.

Membros da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL, 2020) expressam que mesmo anterior ao enfrentamento da pandemia, a situação social em várias regiões estava se deteriorando devido ao aumento dos níveis de pobreza, o que causa grande descontentamento social. Portanto a crise provocada pelo Covid-19 aguça profundamente a estrutura social e tem efeito extremamente perverso em populações desassistidas pelo Estado, principalmente nas áreas da saúde e educação.

Efetivamente o que se verifica com a determinação de suspensão das aulas é o despreparo do poder público em prover o acesso aos estudantes à educação escolar, já que muitas crianças, jovens e adultos não contam com o mínimo de acesso a qualquer aparato tecnológico em seus lares, e isto significa uma grande parcela que permanece alijado do ensino e da aprendizagem nas escolas brasileiras, especialmente neste período pandêmico.

Ainda de acordo com dados da CEPAL (2020), há três campos de atuação que devem ter prioridade, principalmente neste momento, ações principais: a inserção de modalidades da educação à distância, mediante novos formatos de acesso, pelos estudantes, o que inclui novas plataformas com ou sem o uso da tecnologia. Ainda, o apoio e mobilização das pessoas e da comunidade educativa em torno dessas novas ações e com isso, toda a atenção à saúde e bem estar integral de todos os estudantes sem distinção.

Nesse contexto, no Estado do Paraná, a escola, professores, professoras e comunidade escolar, precisaram de forma abrupta se adaptar aos novos meios de educação a distância, via televisão, redes sociais, aplicativos, videoaulas, etc; forma de ensino chamada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR) de aulas remotas. E, em meio ao surto da nova doença, sem nenhuma formação prévia, tanto alunos, alunas quanto professores e professoras foram inseridos nessa organização que, a princípio, trouxe insegurança, desconfiança e temor. Outra questão não menos relevante, e muito grave, foi a ausência de acesso ao ensino remoto, de pelo menos 30% dos alunos e alunas da rede pública.

Esse artigo aborda questões relacionadas à educação em meio a essa pandemia e demonstra a fragilidade tanto das políticas públicas, bem como da formação continuada de professores e professoras da educação básica paranaense no que tange ao uso das tecnologias e artefatos midiáticos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que entremeia relato de experiência docente com estudos de caso de escolas do Estado do Paraná, apresenta o formato de ensino implantado nas escolas públicas, consequência da necessidade de suspensão das aulas presenciais, bem como, os desafios impostos aos professores e professoras em déficit de formação específica que contemple o uso de aparatos midiáticos com fins didático-pedagógicos. Ainda, visa contribuir para problematizar a área da formação docente continuada para o uso das mídias, apresenta as dificuldades enfrentadas pelos professores e professoras para adaptar-se ao ensino à distância bem como, apresenta possibilidades de tal uso de modo que contemplem de forma plural as crianças, jovens e adultos escolares.

Neste contexto, o texto apresenta investigações iniciais e reflexões das experiências vivenciadas em uma escola de Educação Básica do município de Foz do Iguaçu, no Paraná, acerca

da implantação das aulas remotas, bem como os desafios e possibilidades da inserção das mídias como aparato pedagógico, também as dificuldades enfrentadas no período de pandemia e o formato que professores e professoras adotaram, quase que individualmente, por seus próprios meios e ferramentas em seus lares.

O desenho da realidade diante de uma pandemia, como nunca visto, mesmo que no limite de um artigo científico, demanda pensar a incipiência de tal tema, já que vivemos as mudanças ao mesmo tempo e em tempo real. No campo da educação e da escola, inúmeras dificuldades foram encontradas e sentidas pelos alunos e alunas, entre elas a de acesso aos aplicativos e manuseio das plataformas de ensino a distância, designadas pela secretaria de Estado e a realização das atividades escolares sem a presença da professora e ou professor na elaboração, o que provocou um aumento preocupante no índice de evasão escolar.

Para pesquisadores da CEPAL (2020, p.01) em referência a América Latina e o Caribe diante da pandemia do Covid-19:

[...] a economia mundial vive uma crise sanitária, humana e econômica sem precedentes. Diante da pandemia e da enfermidade do coronavírus (COVID-19), as economias se fecham e paralisam, e as sociedades entram em quarentena mais ou menos severas, medidas são comparáveis a situações de guerra. Ainda não se sabe quanto durará a crise nem a forma que poderia haver uma recuperação, quanto mais rápida e contundente seja a resposta, menores serão seus efeitos negativos. Alguns dos mecanismos tradicionais de mercado poderiam não ser suficientes para enfrentá-la devido a interrupção das atividades produtivas e a consequente contração da demanda.

O que podemos observar é que vários setores da sociedade, dentre eles, as universidades estão se dedicando a estudar possibilidades de tomadas de posição em relação à pandemia, que tem denotado a dificuldade e ineficiência das medidas tomadas até então, já que esse tema exige urgência em todos os sentidos. É preciso agir em várias frentes para combater algo que é invisível e possui grande poder de mortalidade.

O objetivo deste artigo é apresentar um panorama da educação em meio a pandemia no Estado do Paraná, as medidas educativas tomadas durante a crise e seus impactos no campo da escola, bem como, a visibilidade de planejamento que denote a continuidade da aprendizagem, com as mudanças obrigatoriamente sentidas, que trouxeram como condição sine qua non o uso das mídias e seus artefatos culturais como aporte do ensino e da aprendizagem.

Nesta perspectiva, constata que o apoio aos professores e professoras nesse contexto inusitado é uma exigência, adaptação dos modelos avaliativos, e, principalmente o acesso a uma formação continuada de direito e de fato dialógica e participativa, em que o autor e a autora sejam o professor e a professora.

Ao Estado cabe planejar, assumir e tomar as medidas cabíveis de forma célere e propositiva para garantir acesso aos serviços fundamentais. Em se tratando de educação, toda comunidade escolar devidamente matriculada na rede pública deve ter acesso as aulas, mesmo que isso signifique repensar a forma e o conteúdo priorizando grupos vulneráveis, que não tem acesso a mínima condição de participação via remota.

Organizamos esse artigo da seguinte forma: inicialmente apresentamos um breve panorama educacional do Estado do Paraná nesse contexto pandêmico, explicitando à orientação oficial quanto às aulas remotas para a educação básica paranaense. No segundo momento problematizamos a formação docente para o uso das mídias por meio de pesquisas desenvolvidas sob este enfoque e a realidade vivida. Finalmente, algumas proposições de uso das mídias e de dispositivos online, como forma de garantir o acesso e segurança desse público escolar.

## Panorama educacional no contexto do Covid-19: aulas remotas no Estado do Paraná.

Com o início da pandemia e após o recesso escolar, no qual a quinzena de julho foi antecipada para março, sob Decretos e Resoluções do executivo estadual e da SEED, em abril de 2020 decretou-se que as atividades escolares fossem retomadas por meio de atividades remotas, realizadas à distância. Foram implantadas na rede pública medidas para orientar o ensino a distância, ou aulas remotas, por meio da migração da aula presencial para plataformas digitais, aulas tele transmitidas em canais abertos e atividades postadas no aplicativo Aula Paraná e Google Classroom<sup>1</sup>.

O Conselho Estadual de Educação (CEE) exarou a Deliberação nº 01/2020 que institui que “a Educação Superior e todos os níveis da Educação Básica, com exceção da Educação Infantil, poderão ofertar atividades não presenciais aos seus discentes”<sup>2</sup>. Conforme o documento, as atividades não presenciais envolvem estudos dirigidos, quizzes, plataformas virtuais, correio eletrônico, redes sociais, chats, fóruns, vídeoaulas, áudio chamadas, vídeo chamadas, diário eletrônico e outras atividades que podem ser remotas.

Assim, se retomou a oferta do ensino por aulas não presenciais, na rede pública paranaense, por meio de aulas exibidas na TV aberta em canais vinculados à RIC, afiliada da Rede Record no Paraná. Em Foz do Iguaçu as aulas são transmitidas nos canais: 21.2, 21.3 e 21.4 e pelo aplicativo Aula Paraná<sup>3</sup> que pode ser instalado em smartphones ou computadores. Segundo essa organização os alunos assistem as aulas na televisão, acessam o aplicativo Aula Paraná e entram no Google Classroom onde encontram sua turma e as disciplinas disponíveis para realizar as atividades.

Para alunos sem acesso às aulas exibidas pela TV aberta ou acesso à rede de internet foram disponibilizadas atividades impressas, um tipo de apostila preparada pelos professores e professoras com atividades de todas as disciplinas do currículo e entregues na escola quinzenalmente.

Observou-se, de imediato, entusiasmo daqueles alunos e alunas que podiam, em acessar o aplicativo Aula Paraná e retomar suas aulas. As famílias procuraram a escola buscando orientações acerca do aplicativo e forma de acesso, feitos por meio do email institucional criado para os alunos e professores pela SEED com o endereço @escola, sendo o usuário o código geral de matrícula (CGM) do aluno e a data de nascimento como senha individual.

O acesso dos professores e professoras se deu da mesma forma, cada docente com seu respectivo email institucional foi vinculado às suas turmas, conforme estava suprido no ensino presencial.

Entretanto, pela ausência de formação prévia, muitas dúvidas foram surgindo, problemas técnicos de compatibilidade, de capacidade do smartphone, de modelo dos aparelhos, de sinal de internet, entre outros, o que causou dificuldades no processo e induziu a SEED a produzir inúmeros vídeos instrutivos. Esses vídeos são chamados tutoriais e foram disseminados pelos aplicativos de conversas como forma de suporte, contudo, as condições financeiras das famílias para a aquisição de aparelhos modernos e compatíveis com a proposta do ensino remoto foi ignorada, apesar de ser uma realidade bastante conhecida.

Blikstein et al. (2020)<sup>4</sup> em uma reportagem da *Revista online Época*, explica que as medidas e adaptações emergenciais para a educação que ocorreram no cenário mundial em plena pandemia foram necessárias e importantes para que os alunos não perdessem tanto tempo e conteúdos no

1 O Google Classroom é a sala de aula online do Google. A ferramenta é gratuita para todos os usuários, incluindo professores e estudantes, e pode ser acessada pelo computador, na versão web, ou pelo celular, com aplicativos para Android e iPhone (iOS). Durante a quarentena devido ao coronavírus, muitas instituições de ensino públicas e privadas fecharam e foram obrigadas a dar continuidade às aulas de forma online, recorrendo à plataforma. Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/04/como-funciona-o-google-classroom-saiba-tudo-sobre-a-sala-de-aula-online.ghtml> Acessado em 12 set. 2020.

2 Conselho Estadual de Educação – CEE/PR. Disponível em: <http://www.cee.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=715&tit=DELIBERACAO-CEECP-N-o-0120-APROVADO-EM-31032020>, acesso em: 01 de set. de 2020.

3 Aplicativo disponível para celulares que utilizam o sistema Android (na loja Google Play) e iOS (na App Store) no qual os estudantes da rede pública podem assistir às aulas e realizar atividades. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/servicos/Educacao/Ensino-Medio/Acessar-o-Aula-Parana-JVN6RYNP>, acesso em 12 set. 2020.

4 BLIKSTEIN, Paulo; et al. Como estudar em tempos de pandemia. *Época*, 2020. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/como-estudar-em-tempos-de-pandemia-24318249>>, acesso em: 02 de set. de 2020.

período. Porém, as maiores dificuldades do ensino a distância têm ocorrido entre as famílias mais pobres, que não possuem os recursos tecnológicos necessários para adaptação ao ensino *online*. “Outro resultado apontado por pesquisas é que os alunos que mais se beneficiam da educação online são os que já têm um desempenho acadêmico melhor”. Ou seja: quem mais precisa se beneficia menos, demonstra também que o ensino virtual e a adaptação para o mesmo é demorada e possui um alto custo, as instituições privadas demonstraram que estavam melhores preparadas para implantar essa modalidade à distância.

Conforme o autor, o ensino remoto adotado sem respeitar as condições de acesso e permanência dos alunos e alunas das escolas públicas, amplia ainda mais a desigualdade social na educação.

Entretanto, a realidade vivenciada empiricamente, demonstrou que não foram só as dificuldades técnicas que surgiram para alunas e alunos, os professores e professoras se sentiram à margem do planejamento das aulas, escolha dos conteúdos e metodologias. Como o planejamento vinha da mantenedora, sentiram que perderam sua autonomia didática, visto que as aulas são transmitidas para todo o Estado do Paraná, de forma padronizada, e, não atendiam as necessidades dos alunos e alunas nem as especificidades educacionais de cada instituição escolar previstas no seu projeto político-pedagógico.

Outra particularidade observada na escola e relatada por Sampaio (2020) em uma reportagem para o site Brasil de Fato<sup>5</sup>, acerca das dificuldades e limitações do ensino a distância durante a pandemia, apontadas pelos pais, professores, professoras, alunas e alunos, indicou que a ausência das professoras e professores para sanar dúvidas e a falta de interação social tem sido as maiores dificuldades enfrentadas.

Nessa perspectiva, Paulo Freire (1996, p. 21) expressa que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Assim como a aprendizagem, que precisa ser vivenciada, significativa, fazer sentido para o aluno.

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 33).

A concepção de educação de Paulo Freire surgiu para romper com a visão de que a escola deve ser neutra e apenas transmitir conteúdos aos alunos, a educação precisa envolver a cultura e respeitar a realidade social dos alunos, para formar cidadãos críticos, que participam efetivamente do processo educacional e social.

Esse contexto pandêmico apresentado desnuda a inobservância do poder público com as camadas mais pobres da população, e a necessidade de adaptações no sistema de ensino, que conjugue a todos. E outra questão preocupante trata da necessidade de formação continuada docente para o uso das tecnologias e mídias, não apenas como instrumento ou aparelho de mediação entre professores, professoras, alunas e alunos, mas, principalmente como aparato produtor de cultura e conhecimento, grande aliado ao processo de ensino e aprendizagem.

Raymond Williams (2015) apresenta a noção de que as sociedades ocidentais não encarnam os valores da democracia que proclamam, pois não garantem as condições institucionais e materiais necessárias à participação. Williams esboça a necessidade de uma nova política para a educação, destinada ao acesso democrático aos recursos culturais o mais extensivamente possível.

Ele denomina cultura como o que somos como algo comum:

A cultura é algo comum a todos: este é o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/04/professores-pais-e-alunos-apontam-dificuldades-e-limitacoes-no-ensino-a-distancia> acessado em 09 set. 2020.

expressa isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado e, no entanto, ela se constrói e se reconstrói em cada modo de pensar individual. A formação desse modo individual é, a princípio, o lento aprendizado das formas, dos propósitos e dos significados de modo a possibilitar o trabalho, a observação e a comunicação (WILLIAMS, 2015, p.5).

Para ele, é preciso pensar a cultura como comum, produto do trabalho de todo um povo, produto de experiências pessoais e sociais e que essas possibilidades deveriam ser para todos a fim de significá-las. E aponta que o maior desafio da nossa sociedade, talvez seja o uso dos recursos para construir uma cultura em comum e com isso meios para atingir uma economia abundante, como alguns já conhecem.

A equação defendida por Williams (2015), a qual corroboramos é da necessidade de promoção de uma leitura inteligente e crítica em todos os aspectos e, principalmente na demanda por uma nova política cultural. Mas o que isso tem a ver com a pandemia que hora vivenciamos? Estamos elucubrando, com o apoio do autor, no sentido de que as mudanças precisam de fato ocorrer, principalmente no que tange a educação e as oportunidades que todos e todas possam dela usufruir.

Não penso apenas em mais tecnologia, a ideia é dar uma educação humanística para todos em nossa sociedade, e depois uma formação especializada completa, para podermos ganhar dinheiro nos termos do que quisermos fazer de nossas vidas (WILLIAMS, 2015, p. 23).

Percebe-se que a questão de fundo é mais profunda do que apenas tomar medidas de implementação de softwares e obrigar os professores e professoras a usá-los, em detrimento do acesso a todos. É necessário um pensamento e planejamento a curto e longo prazo que possibilite a instrução, seja ela escolar ou universitária de forma ampla e não tenha distância, pois como nos orienta o autor, isso seria um prejuízo para ambas. “Temos que enfatizar não a escada, mas o caminho comum, pois a ignorância de qualquer ser humano me diminui, e a habilitação de todo ser humano é um ganho comum de horizontes” (WILLIAMS, 2015, p.23).

As mudanças sociais são inevitáveis e diante da pandemia, muitos professores e alunos tiveram que rapidamente se adaptar às novas práticas de ensino e aprendizagem, por isso, a formação continuada de professores para pensar uma educação humanística, no sentido expresso por Williams, é imprescindível, para que possam oferecer segurança aos alunos e alunas ao trabalhar conteúdos utilizando as novas práticas de ensino com auxílio das mídias visando um horizonte mais amplo, entendendo que as mídias e tecnologias não são uma panaceia, mas podem agregar em termos de estratégias educacionais e pedagógicas.

Pensar em como a pandemia apresenta as fragilidades sociais e aguça estas diferenças, ao mesmo tempo e de forma dialética, aponta também para a essencialidade de que a educação seja permeada por práticas políticas e pedagógicas, muito além de treinamentos. É importante que este momento de crise possa servir de alerta para realizar a crítica da mudança, na escola e na educação bem como, da sociedade que vivemos no sentido de que a democracia seja sentida por todas as pessoas e, que a educação atinja de forma qualitativa a todos. Como nos diz Williams, “examinar a muralha já é um bom começo, no qual suas pedras são essencialmente o poder” e continua “colocar-se no pé da muralha, perceber sua altura, significa lembrar-se muito rapidamente de seu próprio tamanho, de onde se está e do que se deixou de fazer” (p.29-30).

## A Educação e Formação de professoras e professores no atual contexto da pandemia Covid-19

Diante desse quadro preocupante que vivemos, existe uma questão inerente a todo o trabalho educativo, uma relação direta com a formação de professores e professoras para esses novos tempos, em que a educação à distância, remota ou online deva ser acionada, já que não há possibilidade e nem segurança de um retorno presencial às aulas.

Dados da Fundação Oswaldo Cruz e do Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) emitidos em nota técnica em julho de 2020, apresentam embasamento técnico e sugestões para ações de promoção tanto para a saúde quanto estratégias educacionais no acesso à Educação Básica brasileira diante da pandemia de Covid-19.

Neste documento são elencadas sugestões de ações que podem ser utilizadas ou implementadas diante do quadro preocupante que vivemos:

**1. A sugestão:** a sugestão de elaboração de um Plano Integrado Intersectorial Local de ações sanitárias e educacionais, respeitando a singularidade de cada escola.

**2. O contexto:** A Covid-19, seus sintomas, informações epidemiológicas, condições socioambientais e desafios da Educação Básica.

**3. As escolas na crise da Covid-19:** O papel da escola na formação de agentes transformadores para uma conscientização ecológica e saudável.

**4. Estratégias educacionais inovadoras para acesso à Educação Básica no Brasil no contexto da pandemia de Covid-19:** a construção do projeto ESCOLA INOVAGORA.

**5. Atividades prioritárias para o planejamento das ações para o possível retorno das aulas:** Reconexão, acolhimentos em saúde emocional e/ou mental para a comunidade escolar, ambiência escolar, organização do cotidiano escolar e criação da comissão interna de saúde e ambiente.

**6. Ensino Híbrido e o cotidiano da escola:** caracterização do ensino híbrido, atividades assíncronas e síncronas atendendo as singularidades e diversidade das escolas públicas do Brasil.

**7. Processos formativos para a comunidade escolar:** atendendo às peculiaridades de cada grupo diferenciado que compõem a comunidade escolar.

Neste mesmo documento são explicitadas detalhadamente como se dará essas ações, entretanto, o imperativo é a defesa da vida pelo tempo que a pandemia impuser em detrimento do apelo de setores do mercado para que as aulas recomecem independentemente da seguridade de todos que compõem a escola.

São sugestões que devem ser pensadas também pelos membros das escolas, pois a Covid-19 é um desafio novo que deve ser enfrentado coletivamente em todo o mundo. Pesquisadores e pesquisadoras da FIOCRUZ (2020) advertem ainda:

Portanto, apresentamos a sugestão de que os governos locais possibilitem que cada escola planeje e faça as adaptações necessárias para o retorno seguro das aulas presenciais e híbridas, de acordo com a realidade de cada unidade de ensino. Além disso, é fundamental que cada escola faça uma autoavaliação, com base nas recomendações das autoridades sanitárias e análise dos dados epidemiológicos atuais, para a tomada de decisão em retomar ou não as aulas presenciais. Assim, cada escola poderá elaborar seu próprio **Plano Integrado e Intersectorial Local para o enfrentamento e convívio com a Covid-19**, com base na sua realidade, garantindo as condições sanitárias e pedagógicas necessárias para a retomada (p.03).

Em se tratando da escola, bem como do seu cotidiano, é impossível o retorno às aulas, pois não há como garantir que as medidas tanto sanitárias quanto pedagógicas sejam materializadas. A transmissão pelo Covid-19 é por gotículas contendo o vírus que são emitidas por pessoas infectadas e transmissoras, apresentando ou não sintomas. Essas gotículas transmitem o vírus de pessoa a pessoa por meio da fala, tosse, espirro, aperto de mãos. E ainda há possibilidade de contrair o

vírus por gotículas suspensas no ar, capturadas durante a inspiração, ou em superfícies e materiais contaminados por tais gotículas, que são facilmente capturadas pelas mãos e levadas ao rosto. Esse vírus resiste por várias horas, é importante combatê-lo com desinfecção.

Esses são os fundamentos científicos para as recomendações gerais oriundas da Organização Mundial de Saúde (OMS):

- a) Isolamento social;
- b) Uso de máscara facial protetora;
- c) Lavagem constante das mãos;
- d) Evitar aperto de mãos e abraços;
- e) Evitar presença em aglomerações;
- f) Isolamento em quarentena por 14 dias após contato com pessoas comprovadamente positivas para o vírus.

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, conforme indicadores econômicos e sociais, esta realidade tenciona o retorno às aulas nesse momento em que a pandemia ainda não foi controlada e nem ao menos sabemos quicá quando será. Nesse panorama é importante considerar como já expresso anteriormente, o não acesso ainda aos bens e serviços por grande parcela da população, e isto inclui a educação.

Não é possível garantir as condições de higiene e o distanciamento sem aglomerações no âmbito da escola, principalmente na educação básica com as mesmas condições e práticas que eram usuais no campo da escola.

Em se tratando do processo formativo nos espaços educacionais, há que se pensar na formação de professores e professoras que atualmente em meio a pandemia tem se desvelado em tentativas de acerto e erro, diante das exigências de manter as aulas, mesmo que a distância. A grande maioria dos docentes não teve acesso a formação específica no trato do uso das mídias e muito menos nenhuma ou pouquíssima relação com a modalidade de Educação a Distância (EAD).

Cabe o registro ainda, de que cada escola tem sua especificidade e, portanto, não há solução única para dar conta das respostas neste momento. Entretanto, o Estado ignorando o fato dessa particularidade, organiza de forma correlata a mesma forma de atuação para todas as escolas. A experiência com a formação de professores e professoras indica a necessidade premente de que existam planos dissociados entre as instituições escolares, cujo vislumbre seja o próprio contexto no qual a escola está inserida. Isto ainda está distante, infelizmente desse campo, já que as orientações se dão de forma verticalizada.

Existe toda uma discussão, que ainda não chegou de forma clara e contundente às escolas, do uso de ensino híbrido presencial e remoto, novas formas de acesso ao ensino e a aprendizagem. “A percepção da ciência como parte da cultura, e sua integração com as artes, são elementos centrais das inovações educacionais a serem pensadas e implementadas nesse novo contexto” (FIOCRUZ, 2020, p.09). Em destaque sempre, o cuidado com as vidas humanas, e isto resulta em prover o acesso à saúde e a vida em detrimento de conteúdos escolares, as aulas podem esperar, já que a vida urge.

Entretanto, existe todo um processo sendo conduzido por diversas esferas sociais, econômicas e organizações em busca de atingir os seus objetivos, principalmente no campo da educação, e isso tenciona os gestores à tentativa de voltar as aulas presenciais nas escolas.

## **O professor e a professora em tempos de uso de aulas remotas e online: é simples mudar?**

A existência de uma pandemia como a que assola o mundo tem demonstrado inexoravelmente que a ciência contribui para aproximar a cura ou minimizar os efeitos de tal vírus. Outra questão foi a relação hoje estabelecida entre o uso de outras formas de comunicação como força motriz de mudança, mesmo que forçosa, a inserção das mídias e seus artefatos ainda não havia adentrado efetivamente ao espaço da escola e muito menos na sala de aula.

As pesquisas têm demonstrado que uma grande parcela de professores e professoras não

trabalham com mídias e também não permitem que seus alunos e alunas utilizem uma mídia em classe<sup>6</sup>. A pandemia trouxe um desenho novo, é preciso por força da circunstância, adotar o uso da EaD, mesmo sem nenhuma proximidade com esse veículo.

Parece simples, adequar a prática pedagógica às aulas remotas, utilizar youtube, whatsapp, e demais artefatos para atender os alunos e alunas em quarentena. Tal adaptação e inserção é um processo que precisa ser repensado, compreender as mídias e suas representações no ambiente escolar não é algo simples, principalmente porque precisa alcançar e atender à todos os envolvidos e para isso demanda, além de formação continuada para o uso das mídias, investimentos na educação, visto que, como já explicitado anteriormente, o acesso às mídias e seus aparatos não é comum a todos. Segundo Moran (2013) um dos projetos políticos mais importantes é que a sociedade encontre formas de diminuir a distância que separa no acesso à informação entre os que podem e os que não podem pagar por ela.

Ao refletir sobre a influência e a inserção da tecnologia no cotidiano escolar, Brito e Purificação (2008, p.23) postulam que:

Vivemos em uma sociedade tecnologizada [...] assumimos, então, educação e tecnologia como ferramentas que podem proporcionar ao sujeito a construção de conhecimentos, preparando-o para saber criar artefatos tecnológicos, operacionalizá-los e desenvolvê-los. Ou seja, estamos em um mundo em que as tecnologias interferem no cotidiano, sendo relevante, assim, que a educação também envolva a democratização do acesso ao conhecimento, à produção das tecnologias.

Assim, uma quantidade significativa de possibilidades está à disposição nas redes, estamos enlaçados pela tecnologia, vivemos a chamada "*Sociedade em rede*" (CASTELLS, 1999), marcada pelo forte desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação, que trouxeram grande impacto à educação. Esta mudança tem apresentado diversas formas de aprendizagem, acesso a conhecimentos novos e mais agudamente alterado a relação entre professores e professoras e alunas e alunos.

Essas possibilidades tecnológicas provocam profundas mudanças em nossas vidas e, conseqüentemente, na escola ainda é necessário uma apropriação legítima do seu uso, pois significa uma nova linguagem. Por outro lado, isto significa também autoria por parte dos alunos e alunas, que precisam participar mais ativamente da aula num processo dialógico de cooperação. Castells (1999) afirma que as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos.

Dessa forma, o professor e a professora precisam estar dispostos e preparados para enfrentar as mudanças que ocorrem na sociedade e refletem na sala de aula, como o uso das mídias, ainda mais no contexto que vivemos atualmente, na educação.

As mudanças, expressa Castells (2018), que envolvem as tecnologias, mídias e as interações em rede social, tem um caráter sutil o que dificulta a percepção e identificação de novos projetos identitários que vem surgindo.

Pelo fato de que nossa visão histórica de mudança social esteve sempre condicionada a batalhões bem ordenados, estandartes coloridos e proclamações calculadas, ficamos perdidos ao nos confrontarmos com a penetração bastante sutil de mudanças simbólicas de dimensões cada vez maiores, processadas por redes multiformes, distantes das cúpulas de poder. São nesses recônditos da sociedade, seja em redes eletrônicas alternativas, seja em redes populares de resistência

6 Ver as pesquisas em <https://www5.unioeste.br/portallunioeste/pos/ppgscf>.

comunitária que tenho notado a presença dos embriões de uma nova sociedade, germinados nos campos da história pelo poder da identidade (CASTELLS, 2018, p.500).

Nessa perspectiva, ao pensar sobre os novos projetos identitários apontados pelo autor, o uso das mídias em sala de aula precisa ser refletido pelo professor como algo além de um mero instrumento técnico, mas como algo de extrema importância pedagógica e que contribui com a qualidade educacional a partir de procedimentos didáticos que privilegiam a aquisição de conhecimentos. É preciso, parafraseando Moraes (2016), que haja domínio das técnicas e, principalmente, domínio pedagógico dos artefatos culturais no sentido de uma significação, bem como de representação cultural para a vida na docência, o que subsidiará a prática docente crítica que tem sentido ao cumprir sua função, contribuir para problematizar e formar para a liberdade e emancipação humana.

Williams (2015) expressa que é preciso chegar a uma teoria da comunicação e ter acesso à compreensão de qual comunicação temos hoje e o que nos informam sobre a nossa sociedade, e ainda, de como estreitar essa relação que existe com a comunidade. Ele nos orienta que é preciso aprender a ver, até que tenhamos algumas regras de interpretação, desenvolvidos em nossos cérebros de tal forma que a observação não seja meramente abrir os olhos e eis que aparece o mundo.

A escola, assim como outros contextos do mundo contemporâneo, sente os reflexos da cultura digital e, por isso, é importante sua inserção no cotidiano escolar. Entretanto, é preciso uma análise cuidadosa, olhos para ver, principalmente para a forma como são utilizados dentro da escola.

Pretto (2008) alerta sobre os desafios e possibilidades inerentes à utilização das mídias na educação e sobre seu caráter transformador, ultrapassando a perspectiva instrumental.

As tecnologias necessitam ser compreendidas como elementos fundamentais das transformações que estamos vivendo, buscando ser incorporadas através de políticas públicas para a educação que ultrapassem as fronteiras do próprio campo educacional, para, com isso, poder trabalhar visando ao fortalecimento das culturas e dos valores locais (PRETTO, 2008, p. 80).

Dessa forma, e principalmente, no atual contexto pandêmico, percebe-se que os processos midiáticos têm modificado de forma visível nossa sociedade, produzindo diferentes formas de interação entre os indivíduos, mudanças comportamentais e culturais e, conseqüentemente, inovações nos modelos de ensino e de aprendizagem.

A escola sente os reflexos da cultura digital e estudar a mídia e as tecnologias digitais, presentes neste contexto, com os sujeitos que as experimentam, é fundamental para pensar as práticas pedagógicas e principalmente, repensar novos paradigmas, permitindo às pessoas outro tipo de posicionamento, de referenciais necessários para a compreensão da realidade e da possibilidade de intervenção por meio do redimensionamento da prática pedagógica.

## **Considerações Finais**

A influência das mídias contribui para repensar as práticas na educação e sua inserção acontece de forma inevitável e imprescindível; uma vez que a ciência e a tecnologia interferem de forma marcante nos rumos das sociedades, e a educação se vê no mínimo pressionada a reestruturar-se num processo inovador na formação do ser humano integral.

No atual contexto, a pandemia provocou mudanças emergenciais na educação, nem os professores e professoras nem os alunos e alunas estavam preparados para enfrentar esses desafios, porém, os esforços diários demonstram a capacidade que os educadores têm de transformação e adaptação. Mesmo com todas as dificuldades, principalmente, no caso do Paraná, de ausência

da formação que contemple a inserção das tecnologias no fazer didático pedagógico, ainda assim professores e professoras se desdobram em seus lares, com seus aparatos, internet por vezes lenta para o que exige o Estado. Isso tem demandado mais esforço e com isso mais desgastes e incertezas, e ainda a responsabilidade que lhes é impingida pelo sucesso e ou fracasso deste modelo de atendimento aos alunos e alunas.

O atual panorama é extremamente preocupante, pois há o risco iminente de que o Estado declare o retorno às aulas, e o conhecimento do cotidiano de uma classe e mesmo da escola denota o perigo de que com isso, possa existir um grande contágio entre toda a comunidade escolar, com risco para muitas vidas. Por outro lado, a preocupação com o ensino e a aprendizagem faz parte da vida de quem é professor e professora, portanto, há que se iniciar uma boa discussão com ações coerentes e seguras para no próximo ano o retorno as escolas. Alguns países como a Holanda, por exemplo, têm conclamado estudantes do ensino superior para aulas fora da estrutura da universidade, nos moldes que Paulo Freire defendeu, e como ele mesmo foi alfabetizado, à sombra de uma mangueira. Esta ideia de aulas ao ar livre, com pequenos grupos e distância segura, está sendo bastante motivador e tem contemplado o retorno, ainda somente para os jovens e adultos, naquele país.

É importante que novos conceitos e práticas pedagógicas sejam assumidos pelas instituições de ensino, e principalmente pelos professores e professoras que precisam, não apenas saber manipular as ferramentas tecnológicas, mas incluir sempre em suas reflexões e ações didáticas a natureza de seu papel em uma sociedade tecnológica. Há que haver uma mudança drástica na forma e conteúdo da escola básica, mas isso não significa adotar sem crítica alguma ideia que não coadune a especificidade da educação e da escola, lembrando sempre que educação não é mercadoria e sim um direito fundamental, devidamente expresso na Carta Magna do país.

Por meio das reflexões apresentadas, considera-se fundamental constituir ações públicas articuladas e comprometidas com a educação, que empreguem investimentos no setor educacional, a fim de democratizar o acesso às mídias aplicando-as de forma efetiva para que, por meio delas, o cidadão participe criticamente do mundo contemporâneo, no sentido de contribuir com ele.

O que a realidade demonstra, inevitavelmente, é que levando em consideração a inserção obrigatória e repentina das mídias na educação, devido a pandemia, se mostra fundamental a ressignificação da formação continuada docente. Isso significa a construção de possibilidades na práxis educativa para o espaço de produção de novos conhecimentos de forma crítica e criativa por meio das mídias, uma vez que elas estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar, promovendo o acesso a novos saberes e a conhecimentos, sobretudo por meio da expansão e democratização da internet, e que essa seja uma possibilidade de inclusão de todos e todas as pessoas que compõem a escola.

Para finalizar nos amparamos em uma importante reflexão de um intelectual que defende uma escola e uma educação democrática e crítica.

“Temos de reconhecer o sofrimento em uma experiência imediata e próxima, e não encobri-lo por meio de uma busca de nomes e definições. Nós, no entanto, seguimos a ação em sua totalidade: não apenas o mal, mas os homens que lutam contra o mal; não apenas a crise, mas a energia que ela libera, o espírito que nela nos é dado a conhecer” (Raymond Williams, 2015).

## Referências

BLIKSTEIN, P. (et al.). **Como estudar em tempos de pandemia**. Época, 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/como-estudar-em-tempos-de-pandemia-24318249>. Acesso em: 02 set. 2020.

BRITO, G. S.; PURIFICAÇÃO, I.. **Educação e novas tecnologias: um (re)pensar**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade: a era da transformação**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CEPAL – UNESCO. **Informe COVID-19**. La educación em tiempos de la pandemia de COVID-19. Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45904/1/S2000510\\_es.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45904/1/S2000510_es.pdf). Acesso em: 25 set. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FIOCRUZ- Fundação Oswaldo Cruz. **Nota Técnica preparada pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde**. Nº 1/2020/PG-EBS/IOC-FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 31 de julho de 2020.

MORAES, D. R. S. **Mídias na formação de professores(as): limites e possibilidades**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus Editora, 2013.

PRETTO, N. L.. **Escritos sobre educação, comunicação e cultura**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2008.

SAMPAIO, C. **Professores, pais e alunos apontam dificuldades e limitações do ensino a distância**. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/04/professores-pais-e-alunos-apontam-dificuldades-e-limitacoes-no-ensino-a-distancia>. Acesso em: 02 jun. 2020.

WILLIAMS, R. **Recursos da Esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: UNESP, 2015.

Recebido em 29 de setembro de 2020.

Aceito em 13 de outubro de 2021.